

A mulher no corpo: um re-encontro com Emily Martin*

Daniela Tonelli Manica**

Publicado inicialmente em 1987, o livro da antropóloga estadunidense Emily Martin –*A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução* – tornou-se, ao longo desses quase vinte anos, uma referência fundamental para se pensar as articulações entre gênero e ciência. A partir de uma análise marxista e feminista dos aspectos culturais que pautam as concepções científicas e das mulheres sobre a reprodução e o corpo feminino, Martin inaugurou discussões importantes para a antropologia, o feminismo e os estudos de gênero, que repercutiram também no campo da medicina.

A tradução brasileira, publicada recentemente pela Editora Garamond em parceria com o CLAM, Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, compõe a Coleção “Sexualidade, Gênero e Sociedade”. O livro conta com uma apresentação da antropóloga Fabíola Rohden, leitora e interlocutora de Martin desde seu trabalho sobre as teses da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX. (Rohden, 2001 e 2003)¹ A apresentação situa o livro de Martin, suas principais discussões e desdobramentos.

O livro está dividido em quatro partes. A primeira, intitulada “Problemas e Métodos”, compreende um capítulo introdutório e

* Resenha do livro: *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*, de Emily Martin. Recebida para publicação em outubro de 2006.

** Doutoranda em Antropologia Social no IFCH/Unicamp.
danielamanica@yahoo.com.br

¹ Para uma leitura comparativa bastante instigante entre o livro de Emily Martin e o trabalho de Laqueur (2001), ver Rohden (1998).

A mulher no corpo

metodológico, “O Familiar e o Exótico”, no qual a autora problematiza as implicações de uma pesquisa antropológica “em casa”, pensando-a principalmente e relação às suas experiências prévias de pesquisa de campo em aldeias chinesas de Taiwan. Martin toma as mulheres como unificadas por experiências em comum, fundamentadas em seus corpos. Ela e sua equipe de pesquisadoras entrevistaram 165 mulheres residentes em Baltimore, EUA, subdivididas de acordo com o estágio da vida em que se encontravam, e com a classe social e etnia. As entrevistas enfocavam as concepções sobre menstruação, gestação, parto, amamentação e menopausa.

No segundo capítulo, “Fragmentação e gênero”, Martin desenvolve uma das questões analíticas mais importantes do livro – a idéia de fragmentação, do corpo e da pessoa. A partir de uma perspectiva marxista, a autora procura pensar as separações internas ao corpo, as fragmentações, dicotomias e distinções que participam da construção do gênero. Aponta, então, as conexões entre essas fragmentações e o processo de industrialização iniciado no século XIX, delineando uma analogia entre a alienação do trabalho e a fragmentação de partes do corpo feminino nas representações culturais sobre ele, tanto no discurso médico como entre as mulheres. Ao tomar a ciência como um sistema hegemônico que coloca em circulação representações ideológicas sobre o corpo feminino, Martin espera das representações apresentadas pelas mulheres sobre seus corpos, nas entrevistas, a expressão de formas de resistência.

Emily Martin apresenta, na segunda parte do livro, “A ciência como sistema cultural”, as metáforas médicas sobre o corpo da mulher, particularmente sobre a menstruação e a menopausa (capítulo 3) e o parto (capítulo 4), ressaltando os pressupostos culturais que perfazem as idéias científicas sobre estes fenômenos. Com o processo de industrialização, a concepção do corpo como um sistema de entradas e saídas, que buscava a manutenção do seu equilíbrio, é substituída pela metáfora de um pequeno negócio, que precisa economizar, gastar

ou balancear suas contas. Nesse novo contexto, os modelos médicos do corpo feminino como “reprodutivo” passaram a ser fundamentais. O controle desse “negócio” – o corpo – é organizado por um sistema de sinalização, a partir da transmissão, recepção e codificação de sinais ou mensagens químicas, hormonais. A hierarquia interna dos órgãos é comandada pelo cérebro, que coordena, a partir desses sinais, o bom funcionamento dos órgãos. O hipotálamo age como o regente de uma orquestra altamente treinada. Martin ressalta a analogia entre essas concepções e a forma de organização dominante na nossa sociedade. Tanto a menstruação como a menopausa são entendidas do ponto de vista do processo reprodutivo: configuram-se, então, como falhas da (re)produção. Os textos científicos trazidos pela autora enfatizam idéias essencialmente negativas sobre o fluxo menstrual: desintegração, hemorragias, quedas hormonais, necrose do tecido. Martin argumenta que outros processos semelhantes à menstruação, por exemplo, a renovação do tecido interno do estômago, não são tão negativamente descritos. E percebe uma tendência dos textos científicos em enfatizar a negatividade dos aspectos reprodutivos femininos, o que fica ainda mais evidente na sua comparação entre narrativas sobre a ovulação e a produção de espermatozoides.²

A alternativa proposta pela autora para responder criticamente a essa negatividade está fundamentada em uma recusa da associação direta da menstruação ao processo reprodutivo, e ela chega a propor que a menstruação seja pensada como um tipo de produção alternativa do ciclo feminino. Isto é, em determinados momentos o ciclo pode produzir bebês, em outros, o sangue menstrual, ou ainda, como na menopausa, simplesmente não produzir, sem que deva existir necessariamente

² Essa comparação é desenvolvida pela autora em um artigo bastante interessante e conhecido pelos/as estudiosos/as das relações entre gênero e ciência. (Martin, 1991)

A mulher no corpo

uma distinção hierárquica entre esses processos. Martin questiona a própria metáfora da produção e propõe outras soluções, como a idéia de um jogo com objetivos diversos, para pensar o corpo feminino.

A terceira parte do livro, “O Ponto de Vista da Mulher”, representa a incursão da autora sobre as narrativas das mulheres entrevistadas, em busca de outras formas de conceitualizar o corpo e a experiência feminina que escapem das concepções científicas sobre a reprodução. No quinto capítulo, “A imagem do eu e do corpo”, a autora aprofunda a idéia da fragmentação do “eu” e do “corpo”, procurando mostrar as conseqüências dessa separação para as mulheres: a necessidade de se “ajustar” ou “agüentar” o seu corpo, controlá-lo, entender seus sinais. Dessa perspectiva, a menstruação, a menopausa, o trabalho de parto, o nascimento e seus estágios são estados pelos quais as mulheres “passam” ou fatos que “acontecem com elas”, e não “ações que elas realizam”.

Ao delinear as relações entre menstruação, trabalho e classe social (capítulo 6), Emily Martin ressalta a caracterização da menstruação como algo que deve ser escondido, controlado, invisível em espaços públicos como os ambientes de trabalho. Martin problematiza o fato de que a organização do tempo e do espaço de trabalho industrial não levava em conta as especificidades dessas funções corporais, e indica que lugares como os banheiros femininos acabavam funcionando como espaços de ou para a resistência e a solidariedade entre mulheres que compartilham essas experiências.

Martin se pergunta sobre o ponto de vista das mulheres a respeito da ligação entre menstruação e reprodução, e encontra respostas diferentes de acordo com a classe social das entrevistadas. Segundo ela, a maioria das mulheres de classe média caracterizou a menstruação a partir do discurso científico sobre a reprodução, ou seja, como o sinal do fracasso do ciclo reprodutivo. Já as mulheres de classe trabalhadora abordavam a menstruação de forma mais fenomenológica, enfatizando-a como

uma fase esperada na vida da mulher. Nessa ausência do discurso científico, a autora enxerga uma forma de resistência à visão hegemônica do corpo da mulher e, portanto, a possibilidade de escapar da visão cultural desfavorável e de se re-apropriar do próprio corpo. Ao defender uma desvinculação entre a menstruação e a reprodução, Emily Martin encontra um ponto em comum para a definição de uma aliança feminista. A menstruação sintetiza, para ela, a possibilidade de união entre todas as mulheres, férteis, inférteis, heterossexuais ou homossexuais.

A partir das discussões sobre a síndrome pré-menstrual, no capítulo 7, Martin indica algumas das relações entre a funcionalidade do corpo feminino, a necessidade da produtividade, e diferentes contextos do mercado de trabalho. Nos períodos pós-guerras, por exemplo, a intensa articulação para caracterizar a menstruação e a síndrome pré-menstrual como fatores debilitantes para o trabalho funcionava a favor da retomada do espaço de trabalho pelos homens que voltavam dos campos de batalha. Martin procura argumentar, em contrapartida, que a raiva e o descontrole emocional expressam, na verdade, as desigualdades e opressões a que as mulheres são submetidas, representando, portanto, não uma inadaptabilidade, mas uma manifestação da resistência das mulheres a essas situações.

Na concepção do corpo feminino a partir do paradigma reprodutivo, o parto ocupa um espaço discursivo interessante, uma vez que é pensado metaforicamente como um processo de trabalho. Martin explora a fundo essa analogia no oitavo capítulo, defendendo um paralelo entre as intervenções médicas sobre o parto (com as diversas tecnologias obstétricas) e os processos de controle do trabalho industrial. Neste sentido, as idéias de produtividade, meios de produção, máquinas e falhas de produção são centrais para a autora discutir a questão do parto. Através dessa analogia, Martin problematiza as relações de poder entre médicos e mulheres, principalmente no caso das cesarianas. Algumas de suas entrevistadas caracterizaram essa experiência de forma extremamente negativa, utilizando termos como violação à

A mulher no corpo

força, crucificação, estupro, evisceração. Ao apontar estas narrativas, e enfatizar o quanto o corpo é objetificado pela prática médica obstétrica – empenhada no controle, padronização e tecnologização da gestação, parto e amamentação – a autora leva ao limite a idéia da alienação do corpo feminino e reivindica a restauração do contato das mulheres com seus próprios corpos. Para a autora, a recusa à assistência médica no parto funcionaria como as greves dos trabalhadores, com a diferença de que as mulheres, neste caso, detêm os meios de produção (o corpo feminino). Martin procura, com isso, uma alternativa ao que ela caracteriza, ao longo do livro, como sendo a ideologia científica dominante na nossa sociedade, e um dos caminhos sugeridos por ela é “a criação de um novo imaginário do parto” (capítulo 9), bem como a opção por outras práticas, como os partos em casa ou em clínicas diferenciadas.

No capítulo 10, “Menopausa, Poder e Calor”, a autora indica os problemas e dificuldades enfrentadas também pelas mulheres em menopausa, ao mostrar que o calor e a emoção são percebidos como símbolos de subordinação, o que reflete tanto no que se refere à percepção da credibilidade e competência profissionais destas mulheres, como na configuração do descontrole emocional como algo característico desta fase. Nesse caso, também, para Martin, a resistência reside na desvinculação entre a menopausa e a reprodução, e na desconstrução desses valores sociais que negativizam experiências como a da menopausa.

A expectativa de Martin parece ser de que as situações de opressão a que estão sujeitas as mulheres, potencializadas pelas discriminações em função da etnia e/ou classe social, podem constituir mecanismos de resistência. Estas idéias são sintetizadas pela autora na quarta e última parte do livro, intitulada “Conscientização e Ideologia”. Nos dois capítulos finais, sua aposta se concentra sobre a perspectiva revolucionária derivada dessas experiências vividas pelas mulheres.

A grande contribuição de Martin está em apresentar uma das primeiras críticas feministas às concepções científicas sobre reprodução e o corpo feminino. Como aponta a autora no prefácio à edição de 1992, este trabalho repercutiu significativamente para problematizar alguns dos pressupostos que fundamentam a forma como médicos e mulheres olham para os processos reprodutivos. Nesse sentido, o trabalho continua sendo atual, principalmente se considerarmos o contexto brasileiro contemporâneo, em que se discute a “(in)utilidade” da menstruação, ou a necessidade de humanização do parto. A questão da “incorporação” das tecnologias, trabalhada por Emily Martin, continua sendo central para se pensar tanto os contraceptivos hormonais que suprimem a menstruação, os tratamentos para a tensão pré-menstrual e para a reposição hormonal, quanto as tecnologias médicas obstétricas para o controle e padronização da gestação e os diversos tipos de intervenções relacionadas ao parto.

No entanto, como indica a autora em entrevista recente motivada pela publicação brasileira do livro, após o lançamento do livro em 1987, a estabilidade atribuída por Martin a gênero, raça/etnia e classe foi questionada em diversos trabalhos.³ Consequentemente, sua aposta na perspectiva feminina como única e potencialmente subversiva, e numa espécie de romantização da natureza feminina, em marcada oposição aos avanços da ciência e das tecnologias médicas, vistos como opressores e indesejados, acabou de certa maneira perdendo sua força explicativa.

Nessas duas décadas que se passaram da primeira publicação do livro, os estudos de gênero discutiram não somente a potencialidade do marxismo, como a própria questão do “sujeito” do feminismo, tanto “a mulher” quanto “o corpo”, bem

³ A entrevista “Análise Cultural da Reprodução”, publicada em 30/08/2006, pode ser lida no portal do CLAM na internet.
<http://www.clam.org.Br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1559&sid=43>

A mulher no corpo

como suas interações com as tecnologias reprodutivas, questões que para Martin pareciam dadas ou relativamente resolvidas. Esses desdobramentos, entretanto, não tiram o caráter inovador e instigante do trabalho de Emily Martin, pelo contrário, a leitura de sua obra permite compreender como a autora enfrentou, de um ponto de vista analítico específico, a importante discussão sobre os processos culturais através dos quais o “corpo” e a “mulher” são definidos, bem como suas articulações com o potencial reprodutivo, pensando e problematizando as relações de poder que perfazem o discurso científico e as intervenções médicas e, portanto, as relações de gênero que são explicitadas quando se fala de corpo e de reprodução.

Referências bibliográficas

- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.
- MARTIN, Emily. The Egg and the Sperm: How Science Has Constructed a Romance Based on Stereotypical Male-Female Roles. *Signs*, vol. 16, nº 3, Spring, 1991, pp.485-501.
- _____. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2006, 378p. [1ªed. *The woman in the body: a cultural analysis of reproduction*. Boston, Beacon Press, 1987; 2ªed. *The woman in the body: a cultural analysis of reproduction: with a new introduction*. Boston, Beacon Press, 1992 (1987)].
- ROHDEN, Fabíola. *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003.
- _____. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.
- _____. O corpo fazendo a diferença. *Mana*, vol. 4, nº 2, Rio de Janeiro, 1998.